

# TRADUÇÕES POÉTICAS DE SYLVIA PLATH: VILANELAS \*

Nádia Regina Quilici MONTANHINI \*\*

## RESUMO

Embora a vilaneta, uma palavra usada no final do século XVI para descrever as imitações literárias de canções rústicas, seja usualmente rotulada como sendo de origem francesa, a maioria das mesmas foi escrita em inglês. Poetas famosos como W. H. Auden e Dylan Thomas assimilaram a forma. Theodore Roethke e Sylvia Plath escreveram vilanelas nas décadas de 50 e 60. Desde que alcançou um nível de popularidade sem precedentes, nos anos 80 e 90, muitos poetas contemporâneos têm escrito vilanelas variando sua estrutura de formas inovadoras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia. Vilaneta. Sylvia Plath. Tradução.

Segundo Moisés (2004), a vilaneta surgiu na Itália no final do século XV, consistindo numa canção folclórica de temática pastoril e estrutura livre. Na França, fixou-se como forma literária no século XVI. Entrando em desuso no século XVII, a vilaneta voltou a desfrutar certa aceitação no século XIX por um grupo de poetas interessados em experiências formais, como os ingleses Andrew Lang, Oscar Wilde, W. E. Henley, Austin Dobson, e o francês Leconte de Lisle. Já no século XX \*\*\*, James Joyce incluiu uma vilaneta em seu romance *Retrato de um Artista quando Jovem* (1914). William Empson reviveu a vilaneta nos anos 30, e seus amigos e contemporâneos W. H. Auden e Dylan Thomas também se utilizaram da forma. O poema de Dylan Thomas *Do not go gentle into that good night* talvez seja a mais conhecida entre todas as vilanelas. Cabe ainda acrescentar que Theodore Roethke e Sylvia Plath compuseram vilanelas nas décadas de 50 e 60, e Elizabeth Bishop escreveu uma particularmente famosa em 1976, *One Art*. A vilaneta atingiu um nível de popularidade nunca antes alcançado nos anos 80 e 90 com o surgimento do Novo Formalismo (*New Formalism*). A partir de então, poetas contemporâneos, entre os quais podemos citar John M. Ford, têm escrito vilanelas variando frequentemente sua forma de maneira inovadora.

No que diz respeito à forma, a vilaneta não tem um metro próprio, uma vez que muitos metros foram usados no passado. No século XX, a maioria das vilanelas foi escrita em pentâmetro. A essência de sua forma fixa é facilmente distinguida pelo seu padrão de rimas, apenas duas, e pelas constantes repetições. Uma vilaneta pode ser assim esquematizada:

1ª. estrofe  
Verso 1 – Refrão 1 (A1)  
Verso 2 (b)  
Verso 3 – Refrão 2 (A2)

2ª. estrofe  
Verso 4 (a)

---

\* Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Clara B. Paro (UNESP – Araraquara) pelas críticas e sugestões.

\*\* Formada em Letras – Português/Inglês pelas Faculdades Integradas Claretianas – Rio Claro, em 2005.

\*\*\* WIKIPEDIA. Villanelle. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Villanelle>> Acesso em: 14 out. 2008.

Verso 5 (b)  
Verso 6 – Refrão 1 (A1)

3ª. estrofe  
Verso 7 (a)  
Verso 8 (b)  
Verso 9 – Refrão 2 (A2)

4ª. estrofe  
Verso 10 (a)  
Verso 11 (b)  
Verso 12 – Refrão 1 (A1)

5ª. estrofe  
Verso 13 (a)  
Verso 14 (b)  
Verso 15 – Refrão 2 (A2)

6ª. estrofe  
Verso 16 (a)  
Verso 17 (b)  
Verso 18 – Refrão 1 (A1)  
Verso 19 – Refrão 2 (A2)

Uma vilanela constitui-se, portanto, de um poema composto de dezenove versos divididos em cinco tercetos e um quarteto. Um conjunto de refrões, dois no total, estão presentes na primeira e na última estrofe, além de se repetirem, de forma alternada, ao longo de todo o poema, sendo sempre o último verso das demais estrofes.

Se uma vilanela é difícil de ser composta, podendo-se dizer que é um desafio para o poeta, mais difícil ainda é sua tradução, motivo pelo qual nos animamos a apresentar aqui a nossa tradução de três vilanelas.

Inicialmente, gostaríamos de esclarecer que, para a tradução destes textos, seguimos uma metodologia particular. Começamos por fazer a transcrição fonética do texto em estudo, verso a verso, palavra por palavra. Em seguida, fizemos uma tradução literal do mesmo tendo o cuidado de, para muitas palavras, anotarmos as várias opções possíveis encontradas no dicionário. Com estes dois dados em mãos, começamos um estudo mais acurado do texto, ou seja, sua interpretação e a tradução propriamente dita. A tradução caracterizou-se como um momento de reflexão, de trocas e negociações, sabendo que perdas e ganhos certamente ocorreriam até que obtivéssemos o texto final.

A seguir, os textos originais e suas respectivas traduções.

#### *Denouement*

*The telegram says you have gone away  
And left our bankrupt circus on its own;  
There is nothing more for me to say.*

*The maestro gives the singing birds their pay  
And they buy tickets for the tropic zone;  
The telegram says you have gone away.*

*The clever woolly dogs have had their day  
They shoot the dice for one remaining bone;  
There is nothing more for me to say.*

*The lion and the tigers turn to clay  
And Jumbo sadly trumpets into stone;  
The telegram says you have gone away.*

*The morbid cobra's wits have run astray;  
He rents his poisons out by telephone;  
There is nothing more for me to say.*

*The colored tents all topple in the bay;  
The magic sawdust writes: address unknown.  
The telegram says you have gone away;  
There is nothing more for me to say.*

#### Desenlace

A nota diz que você foi embora  
E nosso circo falido deixou;  
Nada mais tenho a dizer agora.

O maestro paga as aves canoras  
Para os trópicos estão de partida;  
A nota diz que você foi embora.

Os cães espertos tiveram sua hora  
Eles disputam um osso que sobrou;  
Nada mais tenho a dizer agora.

Leão e tigres pro barro se voltam  
Triste Jumbo trombeteia sozinho;  
A nota diz que você foi embora.

Extraviou-se a destreza da cobra;  
Seu veneno por telefone alugou;  
Nada mais tenho a dizer agora.

Na baía tombam tendas coloridas;  
Pó mágico escreve: não se encontrou.  
A nota diz que você foi embora;  
Nada mais tenho a dizer agora.

#### Admonitions

*Oh never try to knock on rotten wood  
or play another card game when you've won;*

*never try to know more than you should .*

*The magic golden apples all look good  
although the wicked witch has poisoned one.  
oh never try to knock on rotten wood.*

*From here the moon seems smooth as angel-food,  
from here you can't see spots upon the sun;  
never try to know more than you should.*

*The suave dissembling cobra wears a hood  
and swaggers like a proper gentleman;  
oh never try to knock on rotten wood.*

*While angels wear a wakeful attitude  
disguise beguiles and mortal mischief's done:  
never try to know more than you should.*

*For deadly secrets strike when understood  
and lucky stars all exit on the run:  
never try to knock on rotten wood,  
never try to know more than you should.*

#### Conselhos

Oh nunca tente em pau podre bater  
ou jogar de novo quando ganhou;  
não tente mais do que deve saber.

Maçãs mágicas são boas de comer  
mas a bruxa má uma envenenou.  
oh nunca tente em pau podre bater.

A lua, daqui, lisa se faz ver,  
e a mancha solar não se observou;  
não tente mais do que deve saber.

Colocou um capuz a cobra astuta  
e como um fino senhor se gabou;  
oh nunca tente em pau podre bater.

Enquanto os anjos têm atenta postura  
ocultam os enganos de quem errou:  
não tente mais do que deve saber.

Segredo sabido a surpreender  
e a estrela da sorte correndo escapou:  
nunca tente em pau podre bater,  
não tente mais do que deve saber.

*Never try to trick me with a kiss.*

*Never try to trick me with a kiss  
Pretending that the birds are here to stay;  
The dying man will scoff in scorn at this.*

*A stone can masquerade where no heart is  
And virgins rise where lustful Venus lay:  
Never try to trick me with a kiss.*

*Our noble doctor claims the pain is his,  
While stricken patients let him have his say;  
The dying man will scoff in scorn at this.*

*Each virile bachelor dreads paralysis,  
The old maid in the gable cries all day:  
Never try to trick me with a kiss.*

*The suave eternal serpents promise bliss  
The mortal children longing to be gay;  
The dying man will scoff in scorn at this.*

*Sooner or later something goes amiss;  
The singing birds pack up and fly away;  
So never try to trick me with a kiss:  
The dying man will scoff in scorn at this.*

Nunca tente com um beijo me iludir.

Não tente com um beijo me iludir  
Fingindo que as aves vão cá ficar;  
O morto com desdém disto vai rir.

Pedra vai de coração se fingir  
E virgens nascem onde Vênus deitar:  
Não tente com um beijo me iludir.

Nobre doutor diz a dor possuir,  
Enquanto os doentes o deixam falar;  
O morto com desdém disto vai rir.

Cada solteiro viril teme falir,  
A velha donzela sempre a chorar:  
Não tente com um beijo me iludir.

Serpentes prometem fazer sorrir  
Às crianças querendo se alegrar;  
O morto com desdém disto vai rir.

Cedo ou tarde algo errado vai sair;  
Pássaros fogem pra longe a voar;  
Nunca tente com um beijo me iludir:  
O morto com desdém disto vai rir.

**ABSTRACT**

*Although the villanelle, a word used toward the end of the sixteenth century to describe literary imitations of rustic songs, is usually labeled as a French form, the majority of them are in English. Famous poets as W.H. Auden and Dylan Thomas picked up the form. Theodore Roethke and Sylvia Plath wrote villanelles in the 1950s and 1960s. Since it has reached an unprecedented level of popularity in the 1980s and 1990s, many contemporary poets have written villanelles with varied forms in innovative ways.*

**KEYWORDS:** Poetry. Villanelle. Sylvia Plath. Ttranslation.

**REFERÊNCIAS**

- ARROJO, R. **Oficina de tradução: a teoria na prática.** São Paulo: Ática, 1986.
- CAMBRIDGE International Dictionary of English. England: Cambridge University Press, 1996. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/>> . Acesso em: dez. 2008.
- FERNANDES, J.A. **Dicionário de rimas da língua portuguesa.** 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- FERREIRA, A.B.H. **Novo dicionário da língua portuguesa.** 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GOLDSTEIN, N. **Versos, sons, ritmos.** 6.ed. São Paulo: Ática, 1990.
- MICHAELIS: **Moderno Dicionário Inglês-Português, Português-Inglês.** São Paulo: Melhoramentos, 2000.
- JONES, D. **English pronouncing dictionary.** England: Cambridge University Press, 2003.
- LARANJEIRA, M. **Poética da tradução: do Sentido à significância.** 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários.** 12.ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.
- PLATH, S. **The collected poems.** New York: Harper Perennial, 1992.
- VIZIOLI, P. A tradução de poesia em língua inglesa: problemas e sugestões. **Trad. & Comum.**, São Paulo, n.2, p. 109-128, 1983.
- WIKIPEDIA. Villanelle. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Villanelle>>. Acesso em: 14 out. 2008.